

# MU CU RI PE



NOSSAS **HISTÓRIAS**  
NOSSAS **LUTAS**  
NOSSAS **CONQUISTAS**

**ORGANIZAÇÃO**

TAMARA LOPES DE SOUSA  
ZILMARA ALVES DA SILVA



# MU CU R PE

NOSSAS **HISTÓRIAS**  
NOSSAS **LUTAS**  
NOSSAS **CONQUISTAS**

ORGANIZAÇÃO

TAMARA LOPES DE SOUSA  
ZILMARA ALVES DA SILVA

**REALIZAÇÃO****INSTITUTO TERRE DES HOMMES BRASIL**

Projeto Comunicação + Direitos da Infância

**PRESIDÊNCIA**

Renato Pedrosa

**COORDENAÇÃO DO PROJETO**

Zilmara Alves da Silva

**ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO**

Tamara Lopes de Sousa

**FACILITADORA DO CÍRCULO DE DIÁLOGO**

Francisca Evelyne Carneiro Lima

**ORGANIZAÇÃO**

Tamara Lopes de Sousa

Zilmara Alves da Silva

**PARTICIPANTES**

Deilane Morais Feitosa

Eron Narciso

Joseane Damasceno da Silva

Josina Rodrigues de Sales

Maria Itala Lobato Quintino

Nádia Maria de Paula Gomes

**FOTOGRAFIAS**

Arquivo Nirez

Chico Albuquerque

Diêgo Paula (Acervo Mucuripe)

Fernanda Oliveira

Gandhi Guimarães

Gentil Barreira

Jacinta Rodrigues

Verinha Miranda

**PLANEJAMENTO VISUAL****MANDALLA COMUNICAÇÃO & DESIGN****Direção de Arte, Projeto gráfico e finalização:**

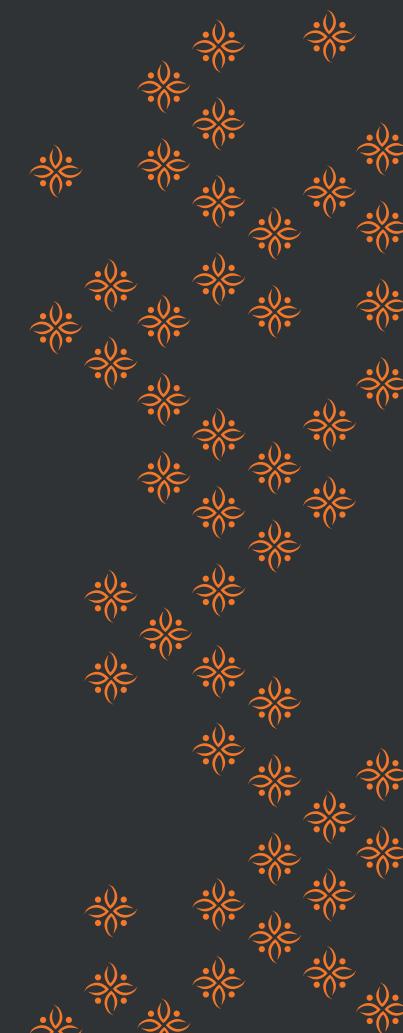
Sâmila Braga

**Projeto gráfico e diagramação:**

Gustavo Lima

**COFINANCIAMENTO**

Kindernothilfe (KNH)



# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

9

## APRESENTAÇÃO

11

**NÁDIA**  
Quando  
as portas  
fecharem,  
ainda  
estaremos  
aqui!  
16

**JOSEANE**  
Nós  
por nós  
26

**JOSINA**  
Silêncio  
em nome  
de Deus  
36

**ITALA**  
Proteger é  
uma tarefa  
de todos nós  
44

**DEILANE**  
Espelho da  
Alma  
52

**ERON**  
Resistir pelo  
presente  
e futuro  
60

**TITANZINHO É ZEIS**  
ZONAS ESPECIAIS DE INTERESSE SOCIAL





# INTRODUÇÃO

Projeto Comunicação + Direitos da Infância na sua segunda fase de operacionalização surge com o objetivo de disseminar a cultura de Paz para o alcance dos direitos humanos, em especial do direito humano à comunicação, no território do Grande Mucuripe, em Fortaleza. Acreditamos, segundo Parente (2020), “que o caminho para a cidadania plena de crianças e adolescentes, apontado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, passa pela criação e fortalecimento de políticas de educação para a comunicação na garantia do exercício da cidadania comunicativa tão necessária na atualidade”.

Com ações junto ao público adolescente e jovem, o projeto trouxe as suas contribuições ao pautar não apenas temáticas na promoção dos direitos humanos e garantia dos direitos das crianças e adolescentes, mas o estabelecimento de um processo de comunicação juvenil, pautado pelos adolescentes e jovens a partir da sua visão de mundo e valores sociais. O protagonismo desses adolescentes e jovens na construção de ideias e operacionalização de seus produtos, bem como a interação com os profissionais da comunicação e educação nos orienta que o caminho que desejamos trilhar numa comunicação não violenta, crítica, ativa e voltada para a paz se encontra na própria comunidade, que traz imbuída dentro de si a solução para os seus próprios desafios e esse processo se faz necessário fluir a partir e dentro dela.

Dialogamos com os jornalistas e estudantes de jornalismo e comunicação, trazendo a reflexão que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos

estabelecidos por lei, e que a imprensa como agente formador de opinião se posicione para garantir que esses direitos sejam assegurados na sua prática profissional. Contamos também com participação de parceiros institucionais, moradores e profissionais de fotografia, que nos encaminharam suas imagens que retratam a realidade das comunidades do Grande Mucuripe.

Esse livro é resultado da participação desses comunicadores que, utilizando a metodologia do Círculo de Diálogo, trouxeram a memória e o observar da comunidade na sua caminhada histórica a partir da vivência pessoal, onde puderam retratar os casos de violação de direitos e seus processos de luta para que a justiça fosse estabelecida. Que esse livro seja uma fonte positiva de informação sobre o Grande Mucuripe e que em cada história e imagem, possamos perceber na perspectiva de cada comunicador e comunicadora, onde o afeto e a relação que cada um tem com esse território é fundamental para fortalecer vínculos e gerar força para modificar e transformar a realidade das comunidades dessa região.

# APRESENTAÇÃO

**H**á 38 anos o Instituto Terre des Hommes Brasil contribui para promoção dos direitos das crianças e adolescentes em território nacional. Suas intervenções no Ceará sempre incluíram o trabalho comunitário. Para o Instituto, comunidade é um grupo de pessoas que vive em uma área geográfica específica – aldeia, município, distrito, cidade, nação, país – e cujos membros compartilham atividades e interesses, onde eles podem ou não cooperar formal e informalmente para resolver problemas em grupo.

O Grande Mucuripe, integrado pelos bairros Mucuripe, Varjota, Praia do Futuro I, Praia do Futuro II, Cais do Porto e Vicente Pinzon é uma das “comunidades” que integram nossa história pelos direitos da infância e juventude. Projetos pioneiros e inovadores foram desenvolvidos por TDH Brasil: enfrentamento da situação de crianças e adolescentes em situação de rua, enfrentamento ao trabalho infantil, abrigos para meninas, sítio para adolescentes usuárias e dependentes de álcool e outras drogas, empreendedorismo, reforço escolar, enfrentamento ao abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes, fortalecimento do direito à convivência familiar e comunitária, de combate ao extermínio da juventude, de prevenção da violência, justiça juvenil restaurativa e promoção da cultura de paz.

Ao longo dessa trajetória, as parcerias com crianças, adolescentes, instituições governamentais, não governamentais e seus habitantes foram fundamentais para acontecer e fazer fortalecer os direitos infantojuvenis. Tudo isto só e é foi possível

pelo respeito e apoio dos integrantes da comunidade no desenvolvimento dos projetos.

Nesta publicação temos mais um trabalho feito em parcerias. Relatadas através de uma das metodologias desenvolvidas pela TDH Brasil, chamada Círculos de Construção de Paz. Trata-se de um processo de comunicação estruturado e simples que ajuda os participantes a se reconectarem com a valorização deles mesmos e dos outros de maneira alegre. Seu objetivo é criar um espaço seguro, a fim de que todas as vozes sejam ouvidas e para encorajar cada participante a caminhar em direção ao seu melhor como ser humano.

Mesmo em contexto da pandemia ocasionada por conta da Covid-19, adaptamos os círculos de paz para que fossem realizadas na modalidade virtual. Assim, teremos algumas histórias de militantes de direitos humanos de crianças e adolescentes, de fatos marcantes e possibilidades reais que muitos contribuíram para proteger as crianças e adolescentes do Grande Mucuripe de qualquer da violência ou de agir diante de violações e como desenvolver um trabalho comunitário que respeita as histórias, valores, crenças do Grande Mucuripe.

São histórias de forças pautadas pela Vida, Esperança, Fé, Serenidade e Resistência. Desejamos que inspirem e toquem o seu coração para se juntar na Rede de Cuidados da Regional deste nosso lindo e potente Mucuripe.

**ANTONIO RENATO GONÇALVES PEDROSA**

PRESIDENTE DE TDH BRASIL

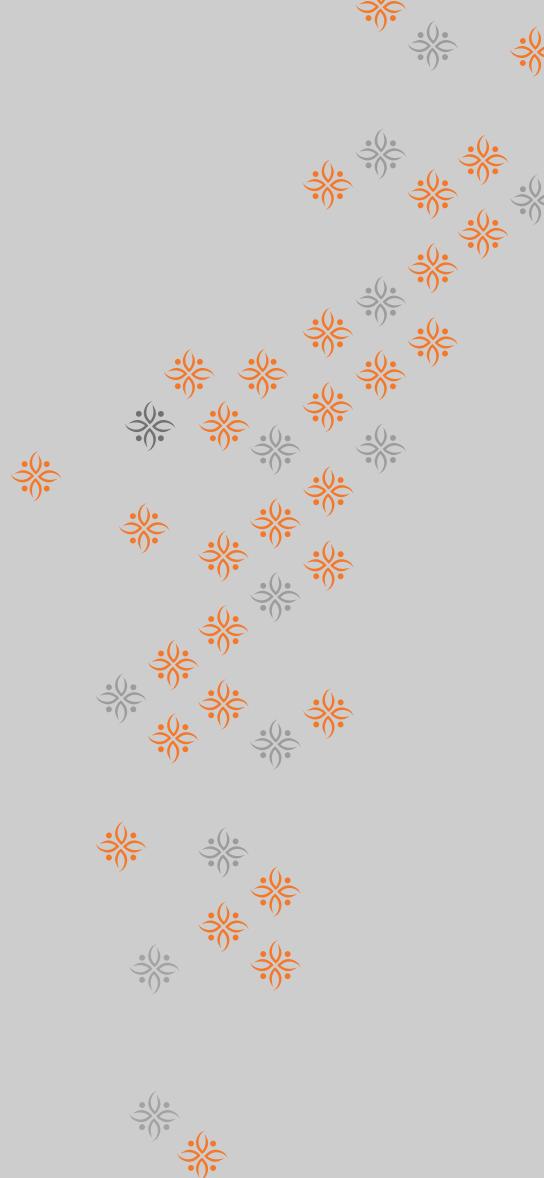


FOTO VISTA DO MIRANTE DE SANTA TEREZINHA  
DIEGO PAULA (ACERVO MUCURIPE) 2014.



# QUANDO AS PORTAS FECHAREM, AINDA ESTAREMOS AQUI!

## NÁDIA

A

minha relação com o Grande Mucuripe tem 25 anos ou mais, é quase o mesmo tempo que eu moro aqui. Já fui articuladora comunitária dessa área do que a gente chama hoje de Grande Mucuripe, mas que já teve outros nomes, como Grande Vicente Pizón. Até o Caça e Pesca era minha área de atuação, já fiz isso inclusive com projetos da TDH.

Hoje eu estou trabalhando na Vice-Governadoria, compondo a Coordenação de Mediação e Justiça Restaurativa, mas continuo morando e articulando o Grande Mucuripe sempre que preciso. Sou voluntária na Associação Amigos em Missão (AMI), que é uma associação de base comunitária que está aqui no bairro.

Estou chegando de uma semana cheia de trabalho, mas, graças a Deus, a segunda-feira começou mais tranquila, e estou me dando o luxo de estar aqui num Círculo, que é um lugar inclusive muito bom pra mim, que me identifico muito. Então, estou muito bem. A palavra que escolho para esse momento é a serenidade, e ela me representa hoje.

Eu tenho várias lembranças bonitas do Grande Mucuripe, mas eu tenho uma específica que é a do Mirante, de



quando eu comecei a namorar o meu marido. Hoje a gente está casado há 25 anos e foi na primeira vez que eu vim aqui que ele me levou lá no Mirante. Na época, tinha um monte de restaurante, mas tinha um que era muito engraçado, e eu penso que a proposta dele deveria inclusive voltar. Tinha um telefone dentro do restaurante – era os aplicativos de namoro de antigamente –, o Alô Brasil. Você entrava e ficava paquerando com a pessoa na outra mesa, e ligava pra dizer que dizer que estava a fim dela, e eu achava isso muito engraçado.

O Mirante era uma imagem muito bonita, muito linda, e como eu me deslumbrei com aquela imagem. Não tinha essa invasão desordenada de prédios tapando a vista da gente. A gente agora não tem mais o direito de olhar para o mar, temos que olhar para um monte de concreto que o povo construiu na nossa cara.

Lembro que eu me deslumbrei com a vista, linda, com aquele marzão. Uma lembrança muito massa. A gente namorou bastante e, até hoje, a gente vai lá, mas infelizmente o Mirante não está mais tão cuidado como antes, e ainda tem essa questão dos prédios que vieram mesmo para tapar a visão da gente.

\*\*\*

Eu tenho muitas histórias do Grande Mucuripe. De ter visto e presenciado violações de direitos de crianças e adolescentes. Algumas em que o final não foi muito bom, e outras em que foi excelente. Mas tem uma que me serviu de inspiração. Não só a mim, mas a muitas pessoas.

Foi numa época que eu era articuladora comunitária da TDH, e era responsável por fazer articulação aqui no Mucuripe e no Bom Jardim. Eu lembro que a gente estava na primeira versão desse material que hoje é o Mucuripe da Paz e estávamos tentando estabelecer a Rota da

ANTIGO BAR ALÔ BRASIL  
SÉRGIO CASANOVA



Paz. Como fazer essa rota quando as instituições e a Rede Socioassistencial fechassem as portas à noite no final do expediente, quando todo mundo vai embora, e no final de semana, quando a gente não trabalha. Como é que essa comunidade fica, como ela consegue construir a sua própria rota de proteção com a criança? Então a gente discutia, refletia muito, e aí aconteceu uma situação específica.

Já havia acabado o expediente de todo mundo e fomos para casa. Quando eu cheguei na minha casa, já era

aproximadamente 18h, quando alguém me liga e diz que está com uma adolescente em uma determinada instituição que estava articulada na nossa Rede. Essa adolescente, entre às 17h30 às 18h, tinha sido estuprada por uma pessoa muito próxima da família, um vizinho, na realidade.

Ela estava acompanhada da mãe, e as duas estavam muito nervosas. A pessoa referente dessa instituição me ligou pedindo ajuda, pois não estava sabendo o que fazer, estava sozinha e sabia que tudo estava fechado. Imediatamente entrei em contato com esses grupos que nos facilitam o acesso. Foi uma articulação muito rápida com algumas instituições envolvidas, em que eu pude perceber o quanto as pessoas podem se comprometer pela proteção de crianças e adolescentes. Que as instituições são feitas de pessoas e que elas podem fazer a grande diferença no local onde elas estão.

Primeiro acionei o Conselho Tutelar. Liguei para a plantonista e perguntei: "Onde você está agora?". E ela me respondeu que a equipe estava no Bom Jardim, em outra extremidade da cidade. Expliquei o caso. Logo depois, liguei para o Comandante da Unidade Integrada de Segurança (Uniseg), que, nessa época, estava se estabelecendo aqui na área. Era a primeira Uniseg que estava sendo inaugurada, e o pessoal tinha uma boa articulação com a polícia comunitária e a polícia escolar.

Eles sempre participavam das reuniões da Rede e das formações, e então falei com o Comandante: "Olha eu estou aqui com uma situação" – contei pra ele a história – "a pessoa está bem longe de mim, eu estou num lugar, e a pessoa está em outro, aí no Mucuripe. Mas eu queria que a gente pudesse encaminhar isso juntos, priorizando a proteção da menina, sem escandalizar mais ainda dentro da comunidade, mas que a gente tivesse uma resposta rápida". Daí ele me disse: "Não, tudo bem! Vamos fazer,

vamos sim. Vou acionar". Achei muito interessante o cuidado que o Comandante teve. Ele é uma pessoa muito sensível com esses temas, inclusive estava querendo levar esses cursos para a polícia. Pelo que conhecemos e vivenciamos da instituição Polícia Militar, nunca esperamos que isso venha tão rápido de um militar.

Então ele me disse: "Vamos fazer o seguinte: Eu tô aqui agora com o Ronda Maria da Penha, e uma outra equipe tá fazendo essa abordagem mais de rua mesmo. Eu vou pedir para as policiais do Ronda Maria da Penha acompanharem os policiais do Ronda, porque tem que ser eles que vão fazer essa abordagem, esse da ronda mais comunidade, mas de ostensividade. Vou pedir para as meninas acompanharem eles, porque afinal o caso se trata de uma menina, que está fragilizada. As policiais fizeram esses cursos daí da Rede e elas estão mais sensibilizadas, então eu vou pedir pra elas acompanharem. Me passa o endereço da menina, e, se a mãe e ela quiserem, a gente consegue fazer o procedimento muito rápido e fazer a apreensão do abusador".

E eu respondi: "Tá ótimo. Está perfeito! Vou ligar para o Conselho Tutelar só pra garantir que eles acompanhem esse procedimento". Os meninos do plantão do Conselho Tutelar ainda estavam no Bom Jardim. "Estamos fazendo um atendimento aqui agora, mas quando a gente terminar, seguimos para aí. Mas é um tempo danado pra chegar".

Enquanto isso, a viatura conseguiu levar a mãe da menina junto com as policiais do Ronda Maria da Penha. Com uma abordagem mais humanizada, levaram a menina para fazer a ocorrência e, quando estavam na delegacia, o Conselho Tutelar conseguiu chegar a tempo. A menina fez todos os procedimentos médicos que eram necessários para fazer, e, enquanto tudo isso estava acontecendo, a polícia fez a abordagem do estuprador. Ele ainda estava na casa dele.

O que havia começado às 18h, foi concluído às 22h. Uma pessoa responsável me ligou e me avisou: "Está tudo bem agora. A menina está mais tranquila, já voltaram para casa, já fizeram todos os procedimentos, o cara está preso, e amanhã a gente continua com esses procedimentos". Foi uma rede que se estabeleceu muito rápido a partir desses contatos, e uma resposta mais rapidamente nos foi dada, que nos ensinou várias coisas e várias questões. A menina hoje, graças a Deus, está bem. Fez todos os procedimentos e acompanhamentos para superar essa situação, inclusive por outras instituições da Rede.

Mas quanto rápido a resposta pode ser dada, simplesmente porque alguém da comunidade, um morador, conhecia um canal, um fluxo de acesso a um movimento que podia ajudar aquela menina, que ela não estava lá só para testemunhar e achar que a história ficaria apenas no "ah, que pena que aconteceu" ou "vamos fazer justiça com as próprias mãos"! Um morador da comunidade que soube acessar o canal direito, acessar e seguir o fluxo priorizando a proteção dessa adolescente. E como esse movimento de articulação com as várias instituições, associando processos formativos, de sensibilização e ações muito concretas, isso possibilita ainda mais a questão da proteção da infância.

Lógico que depois disso a gente tinha a Rota da Proteção bem clara: "Vamos incluir esse fluxo na Rota". Um dia o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) fecha, uma hora o Posto de Saúde fecha, e a comunidade precisa estar preparada para saber lidar com esses fluxos, com essas situações. Que, quando as instituições que estão dentro da comunidade estiverem fechadas, não se tenha dúvidas sobre o que se vai fazer. Essa articulação nos ensina isso.

Me surpreendeu o cuidado maior ter vindo da Polícia Militar: ao pensar em imediatamente colocar dentro da viatura duas policiais mulheres, que já haviam sido capacitadas com os Círculos, com outros temas; levar em consideração o fato da vítima ser mulher, que precisava de um cuidado maior. Porque tiveram consciência que aquele grupo de policiais que fazem abordagem mais ostensivas não ia ter esse olhar. Ou seja, todo um processo de cuidado, que resultou numa resposta muito positiva em relação aos cuidados com essa adolescente.

Eu continuo enxergando a comunidade com a lente bem restaurativa, consciente que existe problemáticas intensas, em que a gente sempre vai precisar de apoio, articulação, de muita conexão com várias outras pessoas e instituições. E com a ideia principal de devolver o poder para a comunidade.

Eu tenho a consciência de que as pessoas, os moradores, têm uma pedagogia própria que é delas, um jeito de funcionar que é próprio e que, nesse jeito, nessa pedagogia, a comunidade estabelece seus próprios fluxos de proteção. Eles também são eficazes, dão respostas, e é isso. A gente não vive isolado e, quanto mais estabelecemos boas conexões, melhores respostas com certeza vamos conseguir trazer para enfrentar as várias problemáticas, mas, principalmente, para priorizar a proteção da infância e da adolescência nesse contexto tão adverso em que estamos inseridos.



# NÓS POR NÓS!

## JOSEANE

E

u moro aqui no Serviluz, que faz parte do Grande Mucuripe, e estou atuando junto à Associação de Moradores do Titanzinho. Faço parte do Núcleo de Base do Serviluz e tenho uma Organização não Governamental (ONG) que trabalha com crianças e adolescentes. Faço parte do Conselho Gestor da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) Serviluz. Gosto muito de estar aqui nesse Círculo, porque é um lugar seguro, de acolhida.

A lembrança que eu quero compartilhar com vocês é a do Farol Velho do Mucuripe. Para nós, ele é o nosso grande símbolo de resistência, que eu tenho memória desde a minha infância. Aqui não temos uma praça tão bem cuidada, um parque, então, o Farol sempre foi nosso parque de diversão, lugar que a gente ia brincar, que os meninos iam jogar pipa. Eu lembro que eu ia com a minha mãe e meu irmão. Depois, na adolescência, ia para o Farol para paquerar. Então ele é muito marcante para a gente, moradores que também trazem na memória outras histórias. Ele é o nosso patrimônio, de toda Fortaleza, que não está esquecido, mas abandonado, mas que tem a lembrança de todos os moradores.



28



29

\*\*\*

Eu já presenciei várias e várias histórias de violações de direitos. Foram tantas que tive até dificuldades de escolher uma para falar. Fui educadora social de abordagem de rua por muitos anos, então, lidando com esse público no dia a dia, via os direitos de crianças e adolescentes serem violados. Mas tem uma que a gente sofre muito que é com a questão da especulação imobiliária.

Para atender o mercado, o capital, vejo o poder público tentando expulsar a comunidade, sempre com uma estratégia nova. Teve o Estaleiro [que] agora recente tentou expulsar a comunidade que está no entorno do Farol Velho, que é o Titan. Porque primeiro queriam fazer uma praça em torno dele para servir de ponto turístico, por causa dos navios; depois por causa do Alto da Paz. De toda forma, tentaram expulsar a comunidade. Teve muita gente que adoeceu, principalmente os idosos.

A gente teve uma luta muito bonita para contar. A comunidade do Serviluz e do Cais do Porto são duas Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), mas somente a da Serviluz é considerada prioritária. Mas o que separa uma da outra é apenas uma rua, um trechinho. O problema é que, por não ser prioritária, a ZEIS do Cais do Porto é a que sofre mais com as tentativas da Prefeitura Municipal de Fortaleza de fazer obras, o que inclui derrubar as casas e expulsar a comunidade. Somente depois entendemos o porquê do Cais do Porto não ter se tornado uma ZEIS prioritária: porque, sendo, o poder público não poderia mexer na comunidade sem a consulta do Conselho de Moradores.

Mas, para resumir essa história, nós, os moradores, nos organizamos melhor. Nos juntamos com as outras ZEIS,

formamos uma comissão do Titan. Colocamos esse nome, com os moradores daquele trecho que fica detrás do Farol, que é conhecida como Rua da Favela. Começamos a nos reunir, fazer cinema, explicar o que era ZEIS e o que estava acontecendo. Transformamos numa luta muito bonita que fez com que a gente conseguisse ganhar e permanecer na nossa comunidade.

Quem quis ir para o Alto da Paz, foi. Mas moradores que não quiseram, tiveram a chance de poder ficar, porque era um direito deles enquanto morar. Mas foi uma briga muito dura, horrível, e que teve muito desrespeito por parte do poder público. E ainda segue tendo.

Conseguimos conquistar esse direito, mas, em meio à pandemia, o nosso plano... Que é o Plano de Integrado de Reintegração Fundiária (PIRF), que não só nos dar o direito ao papel da casa, mas também é o que diz quais políticas, serviços e equipamentos vão ter na comunidade; esse plano é feito junto com a comunidade e com o Conselho Gestor. Mas, em meio à pandemia, nosso plano ficou inconcluso. E, mesmo não tendo sido fechado, a Prefeitura não respeitou e começou a fazer uma obra totalmente arbitrária aqui na praia, que a gente não tinha conhecimento. Agora estamos todos dentro de nossas casas e não podemos sair para poder reivindicar. Aí é outra luta!

\*\*\*

Agora está surgindo outra obra, ou seja, novamente sem a nossa participação. Sempre pedimos para que fosse apresentado para nós, pelas Secretarias, todos os projetos que tinham para nossa área que diz respeito à moradia, quais políticas que tinham para cá, e nunca foi apresentado. E nesse período, por conta do caos da pandemia, a gente só começou a ver os projetos, ou seja, não respeitaram os conselhos que existem aqui e nem dialogaram com a comunidade. Mas é isso, essa é uma luta que a gente está batalhando ainda.

Mas a comunidade, o Grande Mucuripe, é muito potente, um povo muito resistente, criativo e acolhedor. A gente vai se somando, permanecendo aqui: as favelas, as periferias, esse trecho tão cobiçado por esse grande capital. Isso se deve à nossa insistência, porque estamos lutando e nos recusamos a sair do nosso lugar, entendendo que aqui é o nosso lugar e aqui vamos permanecer. Enquanto tiver alguém de pé, a gente vai continuar lutando.

São muitas lutas, e, para além da questão da moradia, tem a garantia dos direitos das crianças e adolescentes, tem o extermínio das juventudes, negro periférico quer outra coisa... Essa polícia truculenta... É um combo de violações. Mas a gente vai resistindo, porque somos uma comunidade muito potente.

A Rede não pode ser limitada só com o poder público, por isso a importância desse momento aqui do Círculo, dos comitês, das lideranças comunitárias, porque, quando não tiver poder público e sempre vai faltar, a gente tem que dar conta. Porque, no final das contas, é nós por nós.

A gente tem que se fortalecer enquanto comunidade, com autonomia e respeito. Fortalecer nossa própria existência, porque a gente é o poder.

FAROL VELHO DE MUCURIPE

ARQUIVO NIREZ - 1940



1. FOTO FAROL NOVO DO MUCURIPE - CONJUNTO SÃO PEDRO  
DIEGO PAULA (ACERVO MUCURIPE) 2014



# SILÊNCIO EM NOME DE DEUS

## JOSINA

J

u vou escolher a palavra esperança pra começar o meu relato. Estamos atravessando esses dias tão conturbados, tão difíceis, que às vezes o medo aparece de uma forma tão apavorante que se faz necessário alimentar a fé e a esperança, para que consigamos atravessar de maneira segura esse período.

Eu tenho muitas lembranças do Mucuripe. Na minha infância, antes de ter as casas que hoje compõem a comunidade do São Pedro, esse lado do morro tinha umas dunas, que, quando nossas mães permitiam, a gente subia à tarde para brincar de carretilha, lá do alto, e brincar de correr. Era muito legal. Não mudou muito na minha adolescência. Entrei na igreja e, com a turma de amigos e amigas, seguimos a curtir as dunas, agora como um ponto de encontro nos finais de tarde de domingo. Era naquele imenso espaço de dunas, areia branca e murici que as amizades se fortaleciam.

A praça do Mirante também é uma boa lembrança que trago comigo. Quando saía da igreja com meus amigos, era para lá que eu ia. Sentávamos para conversar, cantar, falar da vida, e esses pequenos eventos do cotidiano foram bem marcantes.

De tarde, as dunas do Mucuripe, e, à noite, a Praça do Mirante: é nesses dois espaços que fui vendo o desenvolvimento e o movimento das novas gerações. E observando o quanto de violações de direitos o Grande Mucuripe foi sofrendo.



\*\*\*

Existem alguns espaços que, quando a violação de direitos acontece, ficamos sem saber como pensar e agir, principalmente quando se é adolescente. Falar de direitos, e não apenas isso, [mas também] saber de espaços para onde pudéssemos pedir apoio, não era algo tão acessível, pelo menos não para mim. Mas a história que eu relato aconteceu num ambiente que deveria ser de proteção e amor.

Como já relatei, na adolescência, fiz parte, junto com meus amigos e amigas, de uma igreja na comunidade. Era nesse espaço que, para além da nossa fé, construímos nossas relações de amizade e de pertencimento à comunidade. Saímos após os cultos e fámos para o Mirante ou para uma pracinha para ficarmos conversando. E foi num desses momentos que

algumas conversas estranhas foram surgindo. Alguns amigos meus, meninos, relatavam o comportamento estranho da liderança para com eles. No começo, não entendíamos bem o que estava acontecendo. Não tínhamos acesso às informações que eu, por exemplo, tenho hoje.

Logo depois, não queríamos acreditar. Não duvidamos do relato dos meninos, afinal eram nossos amigos e não tinham porque mentir, mas não fazia sentido que uma pessoa que estava exercendo um ofício em nome de Deus pudesse agir daquela maneira. Ficamos sem saber o que fazer, pois, afinal, era uma liderança que deveria cuidar de nós. A questão da fé pesava muito. Como ir contra alguém que estava ali em nome de Deus? Não sabemos o que fazer, qual caminho seguir. Não sabíamos como lidar com a questão do assédio sexual que os meninos sofreram.

Aos poucos meus amigos foram saindo da igreja, e, no final, também saí. E ficamos com o gosto amargo na boca de injustiça de não termos visto a pessoa ser punida. Nosso medo foi maior do que nossa sede por justiça.

A liderança dessa Igreja que fazíamos parte também foi embora e, em outro espaço, talvez tenha tentado agir da mesma maneira. Digo talvez porque soube que uma outra liderança da mesma igreja que ele fazia parte, ao saber da história, se prontificou a denunciar. Não tive mais notícias dele depois disso. A única coisa importante que soube é que não estava mais em nossa comunidade.

Ainda encontro com meus amigos que sofreram o assédio. Eles estão bem, ressignificaram a caminhada, construíram suas famílias e estão seguindo na vida. Mas ainda ouço muitas vezes sobre o gosto amargo da impunidade que eles trazem no coração: "Todo mundo sofreu isso, esse tipo de assédio, e nunca houve uma punição para o causador".

Fico pensando: “a gente podia ter feito isso, ter feito aquilo, trilhado por esse caminho e tal”. E nesse momento é que percebo o quanto essa história ficou marcada em nossas vidas. Mesmo cada um tendo ido para o seu lado, vivido a sua vida, ficou essa história, as ações e os danos que essa liderança deixou, marcas tão fortes em cada um, e como é difícil encarar tudo isso.

Me alegra imaginar que, se algo assim acontecesse hoje, não terá esse silêncio em nome de Deus. Eu sei que, no Grande Mucuripe, temos uma rede de proteção que pode ajudar crianças e adolescentes a encontrar uma saída. Isso me motiva a participar e a acreditar que aqui pode ser um lugar de paz e de justiça. Que temos uma gente forte e instituições preparadas e fortes para fazer valer os direitos de crianças e adolescentes. Que adolescentes, como eu e meus amigos fomos um dia, não estão mais sozinhos e sozinhas.

Depois do ocorrido, tive dois sentimentos: o primeiro de frustração, mas depois, quando olho para trás, me animo, porque o Mucuripe que vivo hoje não é igual ao da minha adolescência. Desses sentimentos antagônicos, o que prevalece de fato para mim é o que mudanças aconteceram. Que as coisas são e podem ser sempre diferentes, que existe esperança. Se a história que vivenciei não teve um final feliz, não me impediu de vivenciar outras histórias que, sim, deram certo, e tiveram finais felizes.

Podemos olhar para o Grande Mucuripe hoje e enxergar que as mudanças foram tão positivas que esse movimento pela proteção da criança e do adolescente só é possível porque foi por não aceitar que histórias como essa acontecessem. Nos reunimos e nos fortalecemos como pessoas e organizações. Podemos olhar para o mar, para as praças e para as crianças e ter perspectivas. Que podemos seguir com as histórias tristes, mas nos fortalecermos para que histórias lindas, de superação e de esperança sejam sempre presentes na nossa caminhada, que alimentem nosso coração. Essa comunidade tem muito disso!



# PROTEGER É UMA TAREFA DE TODOS NÓS

## ITALA

*t*

mbora não esteja tão presente no Grande Mucuripe, é ali que construí boa parte da minha história de vida. Indiretamente, ainda estou próxima através do apoio que dou à Associação Amigos em Missão (AMI), da qual fui uma das fundadoras. Sou professora da Rede Municipal, trabalhando também nessa região, e, por causa dessa ligação afetiva, quero iniciar meu relato com uma palavra que eu acho muito bonita: vida. Nesse contexto que estamos vivendo, quero desejar vida de forma abundante. Que todos sobrevivam.

Falar de vida também é falar desse Grande Mucuripe. Para cada fase da minha vida, consigo ter lembranças desse lugar. Eu consigo me lembrar quando o Conjunto foi feito. Havia tantas dunas, e era tudo muito bonito ao redor, e não havia tantas pessoas. Lembro dos meus irmãos pequenos e eu já adolescente, quando morávamos no Mucuripe. Eles brincavam muito nessas dunas, e era difícil encontrá-los, porque eles sumiam naquele mundo de areia.

Depois, minhas lembranças de uma comunidade já transformada, da fundação da AMI, iniciada como um projeto e, depois, atendendo as crianças da área. Agora vejo que muitas crianças cresceram, tornaram-se jovens adultos com suas famílias constituídas. Observar essa passagem do tempo me traz a memória que muitas coisas boas já aconteceram.



A gente que convive num ambiente de escola, projeto, com crianças e adolescentes, presencia e acompanha muita coisa na verdade. Lembro de uma história que me marcou na AMI, que foi um caso que, graças a Deus, tivemos um certo êxito. Estávamos juntos com a TDH Brasil e, juntos, conseguimos ajudar essa adolescente.

A adolescente fazia aula de balé e, durante a aula, a professora Jacinta Rodrigues percebeu que havia algo errado. Mesmo com muita relutância em se abrir e dizer o que estava acontecendo, foi com muito cuidado que foi possível saber o que de fato ocorria. Ela estava sofrendo abuso por parte do padrasto.

Procuramos apoio na TDH Brasil, e foi a Ana Paula Rodrigues (Paulinha) que nos orientou e conseguimos dar encaminhamento: fizemos a denúncia, visitamos a família e acompanhamos o processo. Não foi algo fácil, foi uma luta mesmo, que durou um bom tempo. Foi um aprendizado pra mim e para a organização, essa batalha pela proteção.

Entendi que, se você realmente quer proteger alguém ou ajudar uma adolescente, uma criança, é preciso entender que tudo requer persistência, que não é fácil as coisas mudarem. Que não é apenas fazer a denúncia que as coisas são resolvidas. Tem de ter acompanhamento bem próximo. Esse caso da adolescente seguiu esses encaminhamentos e inclusive estava aguardando esse processo se desenrolar no Fórum.

Outro caso que me chamou atenção também, e foi bem angustiante, foi o de um garoto adolescente. Negligenciado e abandonado pela família, ficamos sabendo que ele estava sendo aliciado por uma facção para ser “batizado”. Para apoiar esse adolescente, fizemos a denúncia. O poder público foi lá na sua casa para a primeira visita, e o resultado não foi bom. Os profissionais foram mal recebidos e quase agredidos pela mãe do garoto. Compreendemos que a luta seria difícil e que

perderíamos o adolescente para o crime, porque não havia a cobertura de uma família estruturada.

Percebíamos o quanto era complicado para esse adolescente resistir ao que estava sendo oferecido. Ele lutava entre ficar na instituição e se permitir ser assediado. Era angustiante para nós ver um adolescente entrando nas drogas, no crime, e entendendo que o crime é muito mais hábil em atrair adolescentes e jovens do que qualquer órgão do poder público, que qualquer instituição. Mas conseguimos conquistar o coração daquele garoto. Ele gostava muito de muay thai, e foi esse esporte que serviu como um gancho forte, que atraiu e conseguiu ajudá-lo a se manter na instituição.

Meu sentimento hoje em relação ao Mucuripe é um sentimento de afeto, mas, quando penso nessas coisas que relatei acima, me sinto angustiada, porque são muitas injustiças: as que a gente vê e as que a gente não vê. Sei que há ainda muita coisa acontecendo, muitas injustiças e violações dos direitos das crianças e adolescentes. E eles são pessoas que precisam que alguém fale por eles, que os defenda e que os proteja. É sempre uma luta intensa poder proporcionar a eles essa proteção e esse cuidado. É importante que a comunidade entenda que essa tarefa também é dela, que não é responsabilidade apenas da organização ou do poder público. É de todos nós. Qualquer um que ver uma violação, precisa se sentir responsável e intervir.



FOTO CONJUNTO SÃO PEDRO  
FERNANDA OLIVEIRA 2010

# ESPELHO DA ALMA

## DEILANE

F

é uma palavra que venho deixar para começar meu relato. Fé de que as coisas vão melhorar, que tudo vai ficar bem e que vamos ficar protegidos.

Eu nasci e me criei no Grande Mucuripe. Como o povo diz, eu sou “mucuripeira”. Trabalho no projeto social Frente Beneficente [Para a Criança] na Aerolândia e Lagamar, mas atuava aqui no Mucuripe. Fazia parte como voluntária da TDH Brasil e participava dos Círculos. Estou aqui como representante do Juventude Radical.

Minha lembrança do Grande Mucuripe são duas bem marcantes. Eu moro próximo do Mirante, no morro Santa Terezinha, e minha família sempre foi da igreja. Ela ficava no Castelo Encantado e, para ir para lá, tínhamos que atravessar as dunas. Minha mãe odiava: primeiro porque eu não andava: eu criança, bolava na areia. Eu subia em cima da duna e ia bolando até chegar lá embaixo, cheia de areia. E não fazia isso sozinha, tinha as minhas coleguinhas que se jogavam nessa também. A gente chegava na igreja cheia de areia. Essa é uma lembrança positiva que eu tenho, e um lamento, porque eu sei que meus filhos não vão ter a oportunidade de sair bolando numa duna do Mucuripe e chegar cheio de areia ou cheios de espinhos, como acontecia às vezes comigo.

A outra lembrança é da minha adolescência, da Praça do Mirante. Na minha época, ainda tinha a jangada que a gente brincava no chão de grama onde a jangada ficava. Era uma praça movimentada, frequentada por muitas famílias. E fazer o trajeto da minha casa até a praça era muito especial. Ver os pescadores costurando suas redes, fazendo aqueles baldes de pesca, é uma das lembranças que me marcou e que eu gosto de lembrar. Outras coisas também nos marcam.

Como educadora social há três anos, escuto várias coisas. O relato que mais me marcou por essa minha caminhada foi o de um abuso sexual a uma jovem que eu atendo, porque me vi nessa situação, porque já vivi e já passei por isso. A história dela é bem complicada, porque ela não recebia o apoio da mãe, visto que o abuso que ela estava sofrendo vinha do seu padrasto. Ela se via muito agoniada e, por conta da nossa relação de confiança, se sentiu à vontade para me contar o que estava passando e pedir socorro.

Enquanto projeto, tomamos as providências necessárias para poder tratar daquela situação e ajudar aquela menina. Fizemos os encaminhamentos necessários. Eu a entendia, porque, assim como ela sofreu um abuso, eu sabia o que ela estava sentindo, porque também sofri por parte de um tio, então conseguia me ver naquela situação.

DUNA DO MUCURIPE NO CASTELO ENCANTADO

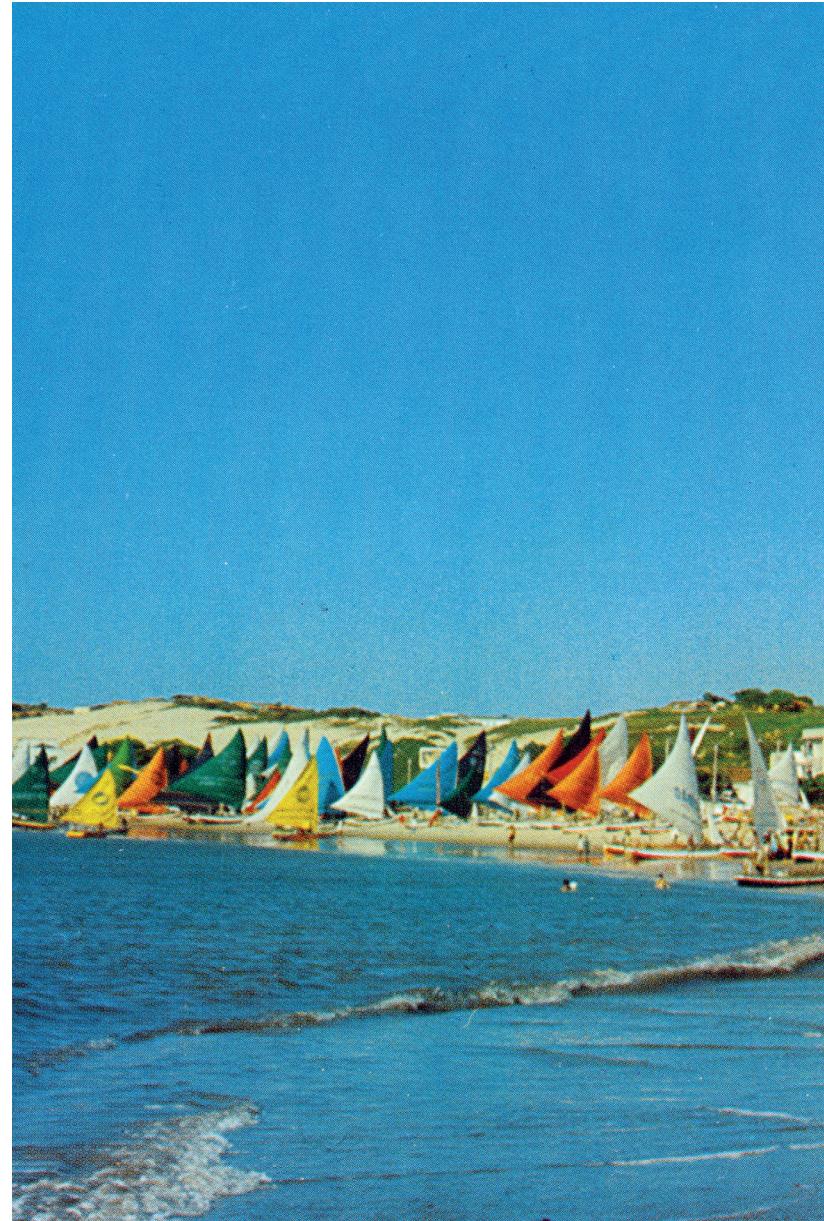
ARQUIVO NIREZ - DÉCADA DE 1940



PRAIA DO MUCURIPE  
ARQUIVO NIRES - 1940



FOTO CARTÃO POSTAL  
EMPRESA EDICARD, DÉCADA DE 1970





# RESISTIR PELO PRESENTE E FUTURO

# ERON

ou assistente social, cria do Serviluz, mas atualmente estou morando perto do Mirante. Sou acadêmico de Direito desde de 2020. Uma palavra que trago comigo e quero compartilhar com vocês é esperança. Esperança por dias melhores, pelo futuro, por uma vacina que seja para todos e por uma consciência coletiva de cuidado com a vida. As pessoas parecem não entender isso, e, para mim que perdi dois familiares no início da pandemia da Covid-19, é muito difícil e me deixa muito triste.

Das lembranças que trago da infância, a que me marcou foi a Creche Vila Mar. Todo ano tinha uma data, que eu não me recordo, que vinha um caminhão do Corpo de Bombeiros para dar um banho nas crianças, ali em frente ao Titanzinho. Era maravilhoso. Da adolescência, eu lembro muito do projeto que eu participei, o Casa da Juventude, que era do Governo do Estado. Dos 12 aos 18 anos, eu fui de lá. Foi uma infância e adolescência muito massa, em que aprendi tanta coisa.

No período da faculdade, fiz estágio no Ceará Pacífico, e o meu supervisor era um assistente social que estava acompanhando um caso de uma criança. Ele tentava encontrar uma forma de tirar a criança do seu núcleo familiar. Ela morava com a avó e tinha um tio que era usuário e traficante de drogas. A criança havia sido encaminhada para o Serviço Social, onde constataram

que ela não tinha registro de nascimento e oficialmente era uma criança que não existia para o sistema.

Meu supervisor tentava encontrar uma forma de ajudá-la, vendo a possibilidade de tirar esse registro, mas a grande dificuldade era o fato de a mãe ter perdido o seu próprio documento de identidade. Tudo era bem complicado, porque a falta de políticas nessa área fazia com que a criança sofresse na busca pelos seus direitos.

Eu tentei acompanhar o caso, mas somente quando não havia o acompanhamento do Grupo de Apoio às Vítimas da Violência (GAVV), porque como eu era da comunidade, eu poderia ser colocado numa situação desagradável ao atuar junto ao GAVV. Sei, como morador, como são essas questões, principalmente em áreas que tem facções. É fato que, para perder a vida, eles não precisam de muitos motivos. Eu sempre tentei me esquivar de situações que me colocasse em conflito com relação a isso.

Quando a gente vai analisar a comunidade do Serviluz, percebemos o impacto que a ausência de políticas públicas faz aos moradores. A violência familiar contra crianças e adolescentes é muito presente.

Quando eu era adolescente, trabalhei na Praia do Futuro vendendo ovo de codorna e piaba na praia. Era quase uma profissão a seguir dentro do bairro e, como tudo, era difícil e muitas vezes violento. Nossa comunidade sabia como os adolescentes eram tratados quando iam trabalhar na praia como vendedores, principalmente pelos seguranças e donos de barraca. Muitos eram espancados, e isso não se restringia apenas ao pessoal das barracas, mas até a própria Policia Militar. Eles não querem nem saber se é criança ou adolescente, se é jovem ou adulto.

Quando se é morador ou moradora de uma comunidade do Grande Mucuripe, sabemos que a violência está ao nosso lado, todo dia, toda hora, o que torna quase difícil fechar os

olhos, porque mesmo assim você vai ouvir essa violência. Eu considero o Grande Mucuripe muito resistente, e acho que a palavra é essa mesma: resistente. A gente vem resistindo há muito tempo. Fico analisando as políticas públicas que nos faltam e, mesmo assim, continuamos aqui, resistindo.

A gente vai imaginar que o Serviluz já sofreu várias tentativas de intervenções: virar um anexo do Porto do Mucuripe, aí resistimos e não saímos. Depois, no governo Cid Gomes, queriam transformar o Titanzinho num estaleiro, e resistimos. Depois veio a Prefeitura, com alguns projetos em que queriam que fôssemos a continuação da Beira Mar, que terminaria onde hoje é o Serviluz, e resistimos. Daí penso que eles nos negam nossos direitos e políticas públicas como uma espécie de castigo pela nossa resistência: Se eles não querem sair, então vão sofrer. Essa me parece ser a visão do poder público.

Então analiso que o fato de o Grande Mucuripe estar praticamente no meio da elite... Desde que começa o Serviluz até a Praia do Futuro, do morro que a gente desce ou quando a gente sobe já começamos a ver os prédios. E a gente tá ali no meio, imprensados. Se eu fosse economista, chamaria nossa presença de "atrapalhando o progresso", mas, como morador, tenho a visão de que o que estamos fazendo é isso: resistência!

FOTO PRAIA MANSA  
ARQUIVO NIREZ - 1970



TITANZINHO  
GANDHI GUIMARÃES (2)





REALIZAÇÃO



INSTITUTO TERRE DES HOMMES  
BRASIL

APOIO

kinder  
not  
hilfe

